

¶ *A história comovente da vida e morte de um lobo extraordinário, narrada por um famoso naturalista.*

Lobo-Rei, o que morreu de amor

(Condensado de «Trail of an Artist-Naturalist»)

Por Ernest Thompson Seton

ANOS ATRÁS, um amigo meu, dono de uma estância no vale do Currumpaw, no norte do Novo México, sabendo que eu tinha experiência em caçar lobos, pediu-me que lá aparecesse para livrar a região de uma alcatéia de lobos cinzentos, salteadores que, a despeito dos maiores esforços dos caçadores e vaqueiros da região, dizimavam de maneira espantosa reses de valor. Como me achava naquela ocasião lá para a banda do sudoeste, acedí de boa vontade ao convite, e saí rumo ao Currumpaw com uma carroça e parelha de cavalos, e com mais dois companheiros, Billy Allen e Charley Winn, levando umas armadilhas de lobos.

Ao chegar, contaram-me que a alcatéia era chefiada por um enorme lobo, o qual fora alcunhado, pelos mexicanos da região, de Lobo-Rei. Todos os rancheiros conheciam bem o Lobo, apesar de poucos haverem deitado os olhos nele. O seu uivo, mais grave de uma oitava que o dos companheiros, era inconfundível, e o seu rasto igualmente conhecido. A pata dianteira de um lobo qualquer mede, ordinariamente, onze centímetros de comprimento. Pois



bem, a pata de Lobo-Rei media catorze.

A manha e a força do bandido se equiparavam ao seu tamanho. Sob a sua chefia diabolicamente astuta, o bando de lobos se furtava aos maiores esforços por envenená-los ou pegá-los em armadilha. Os rancheiros se haviam cotizado, oferecendo a quantia de mil dólares—quantia sem precedente—a quem conseguisse pegar o lobo. Mas o velho Lobo e sua caterva pareciam gozar de poderes mágicos. Em cinco anos montavam a mais de duas mil as reses sacrificadas. Tão exigentes se tinham tornado os lobos, que não comiam senão as partes mais delicadas das novilhas que abatiam, regularmente, todas as noites.

Só de uma coisa Lobo tinha medo,—das armas de fogo. Sabedor de que todos os homens daquela região levavam armas de fogo, fugia aos encontros com seres humanos, só permitindo que seu bando vagueasse à noite. Para tal adversário eram pequenas as armadilhas que trouxera; por isso, enquanto esperava a chegada de maiores, tentei pegá-lo com veneno.

Como chamariz, cozinhei uma mistura de queijo e gordura de rins de uma

novilha morta havia pouco. Afim de que não ficasse impregnado com o faro humano, calcei um par de luvas embebidas no sangue ainda fumegante da novilha, tomando cuidado até de que o meu hálito não tocasse a carne. Depois de fria a mistura, cortei-a em pedaços com uma faca de osso, enfiando em cada bocado uma cápsula inodora de estricnina e cianureto, e selando o furo com um bocado de queijo. Pus a isca num saco de couro besuntado de sangue, e saí a cavalo arrastando o saco por uma corda. Dei uma volta de cerca de dezesseis quilômetros, deixando cair um pedaço da isca de meio em meio quilômetro, evitando tocá-lo com as mãos.

O dia seguinte tornei a percorrer esse trajeto, ansioso por descobrir os resultados. Pelos rastros dos lobos deixados no chão vi que o haviam farejado, seguindo até o lugar onde deixara cair o primeiro pedaço da mistura. Aí Lobo estivera à roda, farejando, e finalmente o apanhara. «Peguei-o», pensei eu. Entretanto não se via lobo algum morto na planície. Prosseguindo até o lugar onde deixara o segundo e o terceiro pedaços, descobri que também já não estavam mais lá. Chegando ao lugar onde deixara o quarto pedaço, compreendi o que acontecera. Lobo não comera as iscas, mas carregara os pedaços na boca, deixando-os cair quando chegou ao quarto pedaço. Aí as cobrira de imundícies, como para exprimir o seu desprezo por todos os meus artifícios e estratagemas.

Evidentemente o Rei era astuto demais para ser envenenado; por isso obtive cem armadilhas pesadas de aço de molas duplas—o que havia de mais especial para pegar lobos. Meus companheiros trabalharam comigo uma semana inteira, armando-as em todos os

atalhos que iam dar às fontes de água e aos trilhos por onde se atravessavam as paredes a pique do canhão. Cada armadilha era presa por uma cadeia a um tronco curto, e bezuntada de sangue fresco. Em lugares especialmente estratégicos enterrei quatro armadilhas distantes cerca de 30 centímetros umas das outras. Coloquei os troncos ao lado dos caminhos, e, depois de cobrí-los bem de pó e capim, esfregamos todo o chão com o cadáver de um coelho. As armadilhas estavam tão bem escondidas que nem um homem, à plena luz do dia, as teria descoberto. Mas nem assim Lobo-Rei se deixou tapear.

Quando examinei as armadilhas, dias depois, pude ler, mais uma vez, nos rastros deixados na poeira, o que se havia dado. Ao aproximar-se da primeira armadilha, seu faro agudíssimo o prevenira que alí adiante havia algo de duvidoso. Esgaravatando com todo o cuidado, descobrira a armadilha, com cadeia e tronco. Então, tocando para diante, tratara de fazer o mesmo a mais uma dúzia de armadilhas.

Estudando os seus métodos, notei que, ao descobrir uma armadilha, se afastava sempre da estrada, a contraveno, para melhor pegar o faro. Isso me deu uma idéia. Enterrando uma armadilha justamente no atalho, coloquei outras três de um e outro lado da primeira, formando um H. Agora, pensei eu, quando farejar a armadilha do meio, que forma o travessão do H, cairá numa das armadilhas dos lados.

Mas o Lobo era por demais esperto. Deparando com a armadilha no atalho, cuja presença se acusou imediatamente ao seu faro incrivelmente agudo, deteve-se, e, em vez de dar para o lado, como era costume, recuou, colocando cada pata cuidadosamente nos rastros

anteriores, até achar-se fora de perigo. Então, dando uma grande volta pelo meu H de armadilhas, fugiu, e foi triunfantemente matar outra novilha a alguns quilômetros de distância.

Debalde já gastara quatro meses à caça do espertalhão e seu bando. Não sabia mais o que fazer. E ele poderia ter continuado a correr a planície e a abater novilhas até o fim de sua vida natural, não tivesse cometido um erro, —único da sua vida. Enfeitiçou-se por uma loba nova e incauta.

Alguns mexicanos, que à luz dos braseiros dos seus acampamentos na planície, de vez em quando viam passar o bando, me disseram que a companheira de Lobo era branca como a neve, tanto que lhe puseram o nome de Blanca. Acreditei ter afinal descoberto o ponto fraco do velho finório, e preparei a estratégia da minha última campanha. Matando uma novilha, coloquei duas armadilhas mais ou menos à vista, perto do cadáver, depois cortei-lhe a cabeça e a deitei no chão a pouca distância, como se fora alí jogada por descuido. À cabeça ateí duas armadilhas desodorizadas que enterrei. Então esfreguei o chão com uma pele de lobo, e com uma pata de lobo imitei uns rastos no pó, por cima das armadilhas.

Na manhã seguinte—que alegria!—a cabeça já não estava lá. Os rastos denunciavam que Lobo viera, atraído pelo odor da carne fresca. Rodeara o cadáver a boa distância. O resto do bando, com a exceção de um animal, obedecera a seu aviso, mantendo-se afastado do lugar. Mas um—um animal menor—correra imprudentemente a examinar a cabeça da novilha, metera uma pata numa das armadilhas, e desatara a correr, levando cabeça, armadilha e tudo.

Meu companheiro, Billy Allen, e eu esporeamos os cavalos pelo rasto afora. À distância de dois quilômetros alcançamos o pobre animal. Era Blanca!

Era a loba mais bonita que jámais vira. Seu pelo era quase todo branco: Lobo estava com ela, e só quando viu se aproximarem homens com armas de fogo é que a abandonou. Escapando por uma colina acima, chamou-a para que o seguisse, mas os chifres da cabeça da novilha se prenderam numas pedras, e ela ficou cativa.

Voltando-se para nos atacar, levantou a voz num uivo prolongado que ecoou pelas grotas. De muito longe veio a resposta de Lobo. Aproximando-nos, matamo-la, e voltei para o rancho com o seu cadáver atravessado na sela.

Durante todo aquele dia ouviu-se Lobo uivar. Mas não era mais aquele uivo antigo, que respirava zombaria; fazia-se ouvir agora uma nota grave e triste. Ao cair da noite, o uivo soava mais perto, e compreendí que Lobo rondava pelo lugar onde havíamos apanhado Blanca. Quando chegou ao ponto onde fora morta, parecia compreender o ocorrido, e seus uivos nos infundiam dó. Até os rancheiros, geralmente impassíveis, afirmavam, impressionados, nunca ter ouvido um lobo uivar assim. Altas horas da noite, Lobo seguiu os rastos dos nossos cavalos até pertinho da habitação, e na manhã seguinte descobrimos o nosso cão de vigia estraçalhado a uns 45 metros apenas da nossa cabana.

Pensando que talvez Lobo demorasse por alí perto uns dias, à procura de Blanca, dediquei-me de verdade à tarefa de pegá-lo, antes que fosse tentado a desistir de todo da empresa. Meus companheiros e eu colocamos armadilhas, aos grupos de quatro, em todos os

atalhos que davam para a estância. Cada uma estava atada a um tronco, e o todo ficava enterrado. Com a pata de Blanca fazíamos rastos por cima de cada armadilha.

Foi na tarde do segundo dia que vi um grande vulto cinzento no atalho do canhão do norte. Alí, indefeso, jazia o Rei do Currumpaw. Descobrira os rastos que eu fizera com a pata de Blanca, e, esquecendo a sua cautela usual, caíra nas garras de ferro de quatro armadilhas.

Quando me viu, o velho bravo,— embora aniquilado pela luta de dois dias e noites para escapar às armadilhas— ergueu-se valorosamente para combater. Os olhos faiscavam-lhe verdes de fúria; os maxilares estalavam no esforço por me pegar. Meu cavalo tremia como varas verdes. Mas as armadilhas, cada uma pesando quase 150 quilos, o aguentavam firme, e, abatido de fome e perda de sangue, caiu exausto.

Agora que o tinha em meu poder, fiquei condoído. «Seu bandido,» pensei comigo, «sinto muito, mas não há outro remédio.» Lancei o laço mas, ao cair a corda sobre o seu pescoço, com um só golpe dos dentes, cortou-a em dois. Trazia comigo a espingarda, mas não queria estragar a pele do animal; voltei então depressa à cabana e apanhei outro laço. Meu companheiro Billy Allen foi comigo. Jogamos-lhe um pau, que ele abocanhou, e, antes que tivesse tempo de o largar, nossos laços voaram pelos ares, e o prenderam pelo pescoço. Foi obra de uns momentos o amarrar o pau atravessado na sua boca com a corda que trazíamos.

Logo que se viu amarrado, desistiu da menor resistência. Nem fez barulho

algun. Olhou-me com supremo desdém como quem dissesse: «Estou finalmente em seu poder, faça de mim o que quiser.» E daí em diante não deu mais atenção ao que fazíamos. Amarramos-lhe as patas e desprendemos as armadilhas. Os dois, juntos, mal dispúnhamos da força necessária para levantar o seu corpo de quase setenta e cinco quilos, afim de o colocar na minha sela, e levá-lo dali.

De volta à cabana, coloquei-lhe uma forte coleira no pescoço, prendi-a com uma cadeia pesada a um poste, e desamarrei-o. Pus água e carne ao seu lado, mas ele não fazia caso. Nem sequer recuou quando toquei nele, mas voltou a cabeça para o outro lado, com um longo olhar saudoso para as planícies, onde por tantos anos imperara soberano. Ao cair da tarde, quando voltei para a cabana, averigui que em nada tinha tocado.

Dizem que um leão despojado de sua força, uma águia a que se retira a liberdade, uma pomba desolada com a perda do seu companheiro, são capazes de morrer de paixão. Acreditar-se-ia acaso então que esse bravo suportasse a perda a um só tempo dessas três fortunas? Só sei o seguinte: quando raiou a manhã, jazia ainda justamente como o deixara; embora o corpo não apresentasse um só ferimento, o espírito se evolara—Lobo-Rei era morto.

Tirei a cadeia e coleira do pescoço. Um vaqueiro me ajudou a carregá-lo para a barraca onde jaziam os restos mortais de Blanca. Ao colocarmos o velho Lobo ao seu lado, o vaqueiro olhou para ele e disse: «Pronto, você queria ficar perto dela; agora vocês estão juntos.»

